

O papel das paixões na formação da moralidade

Alonso Bezerra de Carvalho

Como citar: CARVALHO, Alonso Bezerra de. O papel das paixões na formação da moralidade. *In:* PAGNI, Pedro Angelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Pelloso (org.). **Biopolítica, arte de viver e educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 267-280.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-274-1.p267-280>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 14

O PAPEL DAS PAIXÕES NA FORMAÇÃO DA MORALIDADE¹

Alonso Bezerra de Carvalho

PAIXÕES OU *PÁTHOS*: DEFINIÇÕES E IDEIAS

O desafio que nos propusemos enfrentar neste texto é compreender e expor algumas reflexões sobre o que é considerado esse outro lado da dimensão humana: as paixões. Proferidas em verso e prosa, as paixões representariam, de início, um sentimento e uma sensação que preencheria a alma e a existência de uma pessoa e de uma coletividade. Apaixonar-se seria experimentar a mobilização dos instintos mais recônditos do espírito humano com consequências somáticas incômodas, perturbadoras, mas também gratificantes e agradáveis, para mim e para nós. Em sua origem grega, essas ideias estão bastante presentes.

¹ Este trabalho é parte constitutiva do projeto de pesquisa intitulado *A educação moral no mundo contemporâneo: a experiência da amizade na sala de aula*, que foi desenvolvido com financiamento do Edital MCT/CNPq/MEC/ CAPES N° 02/2010.

Páthos: paixão ou sentimento; emoção; aquilo que se sofre ânimo agitado por circunstâncias exteriores; perturbação do ânimo causada por uma ação externa; acontecimentos ou mudanças nas coisas causadas por uma ação externa ou por um agente externo; passividade humana ou das coisas; doença (donde: patológico, patologia); emoção forte causada por uma impressão externa (donde: patético); passividade física e moral; sofrimento. O verbo *páskho* significa: ser afetado de tal ou qual maneira, experimentar tal ou qual emoção ou sentimento, sofrer alguma ação externa, padecer (em oposição a agir). Oposto a *práxis*. (CHAUI, 2011, p. 508).

Essas noções também aparecem na definição que Aristóteles faz de paixão, na *Metafísica* (2006), considerando-a como uma das dez categorias que constituem o Ser. Ele explicita:

Paixão significa (a) uma qualidade em função da qual se torna possível a alteração, por exemplo, entre a brancura e a negrura, a doçura e o amargor, o peso e a leveza, etc. (b) as *atualizações* dessa qualidade, ou seja, as alterações já convertidas em ato. (c) Particularmente, alterações e movimentos penosos e, mais particularmente, ferimentos que produzem sofrimentos (d) Experiências desastrosas, penosas, [dolorosas e prazerosas] extremas são chamadas *paixões*. (p. 158, grifos do autor).

Enfim, a paixão significa o fato de se sofrer (suportar) a ação de algo de que não temos domínio, conduzindo, assim, à ideia de passividade. No que se refere ao homem, a paixão foi ao longo dos séculos tratada como um elemento que pode revelar o seu caráter, a sua maneira de ser e de estar no mundo. Nesse sentido, adquire diversas acepções, tornando-se um problema filosófico clássico, com repercussões até os dias atuais, com abordagens que a toma como positiva e outras atribuindo-lhe uma denotação negativa. No primeiro caso, é considerada como um temperamento ativo e entusiasta, uma mobilização persistente de energia para atingir um objetivo e que nenhum fracasso, obstáculo ou desmentido é capaz de abalar: as paixões amorosas, de jogo, ideológica etc. No entanto, as paixões foram condenadas como algo que torna o homem um ser fora de si, perturbado e conduzido apenas pelo desejo de realizar os seus objetivos, de atingir o prazer que o levaria a um profundo sofrimento e dor, de sacrifício e renúncia, que precisa ser controlado.

Na história da filosofia, esse debate ou diversidade de posições é evidente. Ao que tudo indica, tudo começara com Platão ou, quiçá, com Parmênides. A contingência do devir, a pluralidade das opiniões, o mundo das sombras, o conhecimento ilusório, a incerteza das informações do universo sensível faz emergir toda uma concepção de homem e de filosofia. É a partir dela que os debates começaram, trazendo repercussões até os dias hoje, inclusive provocando reconfigurações nas reflexões no campo da própria filosofia, da ciência, da ética, da política etc. Enfim, a história das paixões seria a história de seu combate com a razão: *páthos* x *logos*. Moralistas, filósofos e a religião estiveram na vanguarda desse movimento. Insistir, como fez a Renascença, sobre a necessidade de tomar os homens “tais como eles são” é parte relevante – num sentido alternativo –, de um processo que sempre considerou as paixões como elementos destruidores do homem.

Já bem perto de nós, Freud é um dos pensadores que procurou compreender essa força submersa presente na constituição do homem, ao sustentar que não somos senhores em nossa própria casa, contradizendo o fato de os homens pretenderem ser os senhores do seu próprio destino, por meio de um *eu*, de uma consciência. Segundo ele, o inconsciente é essa força obscura que arranca e impede o homem de coincidir consigo mesmo, enquanto os filósofos da consciência, embora tenham, entretanto, reconhecido essas forças – as paixões –, não duvidavam de que seríamos capazes de controlá-las por meio da razão.

No entanto, se Freud reconhecia uma certa racionalidade dessas forças obscuras que agem em nós sem que estejamos conscientes, muitos filósofos sustentaram que as paixões pertencem ao campo da irracionalidade. Em Kant, por exemplo, as paixões foram denunciadas com fervor como sendo más em si, viciosas e... irracionais. Se quisermos viver bem, viver a vida de homens, devemos nos desembaraçar delas.

Para Kant, a paixão é uma inclinação, da ordem dos desejos, um sentimento de prazer e desprazer, que não deixa o sujeito chegar à reflexão. Como doença da alma, as paixões, como as emoções, a ordem do afetivo e da sensibilidade, seriam caracterizadas pelo arrebatamento que impede toda reflexão, todo exercício normal da razão. “Estar submetido às emoções e às paixões, é sempre uma doença da alma, visto que ambos excluem o controle da razão.” (KANT, 1993, p. 217 - §73). Essa situação se assemelha a um

violento desequilíbrio, como se não nos pertencêssemos mais: o homem apaixonado não é livre nem senhor de si. Perturbados e excessivamente exaltados, nós nos dedicaríamos a uma única coisa e todo o resto nos é indiferente. A paixão constituiria, portanto, um atentado à liberdade bem mais profundo que a emoção. Se nesta há, para Kant, alguma coisa de reflexão, a paixão se *opõe* à razão, à reflexão e ao julgamento. E mais: a paixão se serve da razão; ela se torna uma doença da razão (1993, p. 218 - § 74). Assim, o apaixonado utiliza a reflexão, mas no sentido contrário ao exercício normal da razão. Ele não raciocina normalmente, mas de qualquer jeito. Desse modo, podemos considerar o apaixonado como aquele que viola e contradiz as regras elementares da lógica, isto é, as normas que todo homem de bom senso, quando em posse de toda sua razão, pode exercer (KANT, 1993, p. 237 - § 81). A “lógica” da paixão é formada por uma ideia *a priori* que o apaixonado toma como elemento cristalizador, ornando e exagerando as características do objeto amado ou odiado. No caso do amor, o amante torna o amado perfeito, belo e maravilhoso. Essa lógica escolhe e toma a parte pelo todo: X é *a, b, c, d*, mas o apaixonado diz que é apenas *a*. Por isso, deve ser controlada pela razão.

Por sua vez, os frankfurtianos parecem relativizar a questão e pensá-la a partir de outra perspectiva. No aforismo “Interesse pelo corpo”, da *Dialética do esclarecimento* (1985), Horkheimer e Adorno tratam de uma história subterrânea do corpo que, segundo eles, consistiria no “[...] destino dos instintos e paixões humanas recalçados e desfigurados pela civilização.” (HORKHEIMER; ADORNO, p. 215-216). O corpo, como morada das paixões, teria sido condenado como depósito absoluto do mal em contraposição ao espírito que, reverenciado como suprassumo do bem, tornou-se condição primordial para as grandes criações culturais. Se, à primeira vista, ele pode ser tomado como fonte de um amor prazeroso e por isso desejado, os frankfurtianos argumentam que o corpo foi na verdade escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado. Exaltado, sim, mas como coisa, objeto sem vida, como algo “proibido”, “reificado”, “alienado” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 217).

O domínio da natureza, das paixões e dos nossos impulsos se confundiria, contraditoriamente, de acordo com os frankfurtianos, à própria história da razão. É a história da renúncia e do sacrifício, como

na *Odisseia* de Homero. Dominar a natureza significa, portanto, antes de tudo dominar-se, ter nas mãos a própria natureza. O sujeito esclarecido é aquele que conseguiu sacrificar-se, ainda que isso lhe custe sua expressão mais viva: a liberdade. Por isso, resistir ao canto da sereia, ser astuto como Ulisses é tornar-se forte e capaz de dominar, transformando os homens em animais dóceis e mansos, levando-os a um estágio biológico inferior. Essa é a contradição. A razão, querendo extinguir as paixões, torna-se, ela mesma, a paixão de si própria. A promessa da desmitificação tornou-se um mito.

Mais explícito a favor das paixões, vamos encontrar Diderot. Nos seus *Pensées Philosophiques*, ele se contrapõe àqueles que declamam contra as paixões, imputando a elas todos os sofrimentos do homem. Segundo ele, na verdade esquecemos que elas são também a fonte de todos os prazeres, elevando a alma humana às grandes coisas. As paixões, quando são reprimidas e aniquiladas, degradam os homens. É como se destruíssemos a grandeza e a energia da natureza, como os galhos frondosos e luxuosos de uma árvore que oferece o frescor e o domínio de suas sombras (DIDEROT, 1994, p. 19-20). As paixões teriam um caráter ativo, conduzindo-nos a agir no mundo. Uma vida autêntica é uma vida que contempla o mundo das paixões, intensa, isto é, não valeria a pena viver, se não fôssemos tomados pelas paixões. A paixão, como exaltação e estado de espírito animado, destruiria a monotonia e a tristeza da vida cotidiana, permitindo-nos suportá-la.

Fonte de loas e elogios e de críticas e repúdio, talvez se observássemos as paixões do ponto de um autor antigo e outro moderno, quem sabe mostraríamos o significado ou o papel que elas podem cumprir na formação do homem, especialmente de sua moralidade, ou melhor, de sua dimensão ética. É o que faremos a seguir.

Para tanto, vamos retomar as ideias de dois filósofos que, para mim, podem nos auxiliar a pensar perspectivas diferentes e até inovadoras para o campo da ética: Hume e Aristóteles. David Hume, filósofo inglês do século XVIII, procurou sair desse debate quase maniqueísta que, ao longo a história da filosofia, se tem travado entre *páthos* e *logos*. Aristóteles, por sua vez, viu na razão e na paixão duas instâncias que, se tomadas de maneira complementar e não excludentes, favorecem na compreensão não apenas da natureza humana bem como nas ações e escolhas que fazemos em nossas existências. Nota: há quem diga que há influência de Aristóteles

sobre Hume, ou melhor, que aquele pode ser considerado um dos primeiros empiristas.

HUME: UM COMBATE INEXISTENTE

Conforme Hume, a tradição filosófica é marcada por um combate permanente e ordinário entre a razão e a paixão, cuja vitória é da primeira. Os homens não seriam virtuosos, se suas ações não fossem reguladas e ordenadas segundo um princípio razoável que submetesse as paixões. “A maior parte da filosofia moral, antiga ou moderna, parece se fundar sobre essa maneira de pensar; e neste campo, seja por argumentação metafísica ou por declamações populares, a preeminência é da razão sobre a paixão.” (HUME, 1991, p. 269). O predomínio racional é construído a partir das mais diversas formas, considerando a razão como dotada de eternidade, de uma imutabilidade e até mesmo de uma divindade, e à paixão cabendo a inconstância, a ilusão e até mesmo a alucinação e a loucura. Nada mais que uma falsidade, garante Hume. O mundo da vontade, dos desejos e das ações humanas não pertence e não é motivado exclusivamente pela razão.

O entendimento humano seria exercido por duas formas diferentes: a demonstração e a probabilidade, ou seja, por relações abstratas entre nossas ideias e pelas relações dos objetos oriundas da experiência.

Eu creio que será difícil de afirmar que o primeiro tipo seja a única causa de uma ação. Como seu domínio específico é o mundo das ideias e como a vontade ocupa o mundo da realidade, a demonstração e a volição parecem, por esta razão, totalmente separados um do outro [...] Por consequência, o raciocínio abstrato ou demonstrativo não influencia em nenhuma de nossas ações, a não ser a direção de nosso julgamento no que diz respeito as causas e os efeitos. (HUME, 1991, p. 269-270).

Quando estamos numa situação real na qual podemos experimentar momentos de sofrimento ou de prazer, segue-se que daí se origina um sentimento de aversão ou de propensão, inclinando-nos a evitar o que nos é apresentado, caso nos proporcione mal-estar, ou desejá-lo, caso nos deixe contente. Essa experiência jamais seria compreendida por provas e demonstrações, visto que seria tratá-la no mesmo sentido das operações matemáticas ou mecânicas. As causas e os efeitos dos sentimentos, dos

impulsos bem como o despertar de uma volição e o ato de produzir uma ação pertencem ao domínio do provável, do imponderável. No máximo, à razão cabe descobrir as conexões e os meios que os objetos são susceptíveis de nos afetar.

Nada pode se opor à impulsão de uma paixão ou retardá-la, se não é uma impulsão contrária; e se esta impulsão contrária proviesse da razão, esta última faculdade deveria, então, ter uma influência original sobre a vontade, causando tanto quanto impedindo um ato de volição. Mas, se a razão não tem essa influência... [portanto], o princípio que se opõe à nossa paixão não pode se identificar à razão... A razão é e não deve ser senão a serva das paixões; ela não pode jamais pretender cumprir um outro ofício que não aquele de servi-las e obedecê-las. (HUME, 1991, p. 271)².

Se a razão pretende modificar a direção de uma paixão, o entendimento e o julgamento da reflexão permanecem sob o controle das paixões. Se há alguma racionalidade no mundo das paixões, aquela estaria sob o “domínio” deste. Embora a paixão por adquirir bens e riquezas possua, a princípio, um caráter destrutivo e, muitas vezes, desmesurado, ela pode ser refreada a partir de uma outra paixão, contrabalançando o jogo. Assim, não existiria nenhuma força exterior às paixões capaz de controlar um desejo ou um sentimento fora dessas afecções, isto é, a plena satisfação das paixões estaria em sua capacidade de encontrar a melhor saída aos perigos e danos de que elas são portadoras, nelas mesmas e não fora. Isso significa que falar de paixão e razão é referir-se a situações e ordens completamente diferentes e, por definição, não podem se opor. Cada uma tem a sua própria lógica, independentes.

Portanto, constituída de uma legalidade autônoma e de uma originalidade existencial, o domínio da paixão não é dotado de uma “qualidade representativa”, ou seja, como se fosse uma cópia de um outro modo de existência.

Quando tenho fome, estou realmente sob o domínio da paixão e, nesta, eu tenho referência a um outro objeto como quando estou com sede, doente, etc. É, portanto, impossível que a paixão possa ser combatida pela verdade ou a razão ou que estas possam contradizê-la;

² “Como esta opinião pode parecer algo um tanto extraordinário”, Hume reconhece que “[...] nós não falamos rigorosa e filosoficamente quando discorremos sobre o combate da paixão e da razão.” (1991, p. 271).

pois a contradição consiste no desacordo de ideias, consideradas como cópias, com os objetos que elas representam. (HUME, 1991, p. 271).

O mundo das paixões e o mundo das ideias (razão e verdade) são, frisemos, de ordem diferente, embora a visão intelectualista, opondo-se à visão empirista, tenha colocado ambas em lados opostos, mas desde que a razão domine as paixões. O erro aqui estaria em considerar o julgamento do nosso entendimento como algo exclusivo da razão, como a única referência, sendo que as ações oriundas de motivações afetivas também podem ser acompanhadas de um julgamento. Haveria, assim, a atribuição e a adoção de critérios alheios de um campo a outro. Do ponto de vista moral, a lógica racional sentencia que algumas paixões são boas e, no caso das más, se as controlamos, podemos torná-las pelos menos aceitáveis. Nos dois casos, é a razão que justifica e condena, segundo os seus parâmetros, classificando-as de chocantes, imorais, absurdas e excessivas. Nada estranho às paixões dizer que elas são irracionais. As paixões são um modo de existência anterior a toda reflexão e a todo julgamento baseado em verdadeiro e falso. Em outras palavras, Hume considera que “[...] uma paixão [a esperança ou o medo, a dor ou a alegria, o desespero ou a serenidade] deve se acompanhar de um julgamento falso para ser considerada irracional; e mesmo assim, não é a paixão que, propriamente falando, é irracional, é o julgamento.” (1991, p. 272).

O julgamento falso se dá a partir de suposições falsas quanto ao *objeto*, ou melhor, a algo que não existe na realidade, e quanto aos *meios* que adota para realizá-las – inapropriados ao fim visado, julgando erradamente as causas e os efeitos. No entanto, desde o momento em que “[...] nós percebemos a falsidade de uma suposição ou da insuficiência de certos meios, nossas paixões cedem à nossa razão, sem oposição. Eu posso desejar um fruto por seu gosto excelente, mas se alguém me persuade de meu erro, eu deixo de desejá-lo.” (HUME, 1991, p. 273). Mas isso não significa que razão e paixão sejam idênticas, embora ambas sejam ações do espírito. O exercício da razão não produz e não transmite nenhuma emoção sensível ou situações de prazer ou de mal-estar, a não ser bem raramente, quando de especulações filosóficas as mais sublimes ou frívolas. É daí que viria a confusão, enfatiza Hume, quando se considera que a atividade do espírito

que age com a mesma serenidade e a mesma tranquilidade que a razão se confundiria com ela, sobretudo se a julgamos à primeira vista ou por sua primeira aparência. Pois existem, sim, certos desejos e tendências que são calmos, que, mesmo sendo paixões, produzem pouca emoção no espírito, seja porque são instintos originalmente plantados em nossa natureza – a benevolência e o ressentimento, o amor da vida e a ternura pelos filhos –, seja como apetite geral pelo bem e a aversão pelo mal.

Quando alguns desses desejos são calmos e não causam desordem na alma, tendemos a tomá-los como determinações da razão e de supor que eles provêm da mesma faculdade que julga sobre a verdade e o erro. Se supôs [ao longo da tradição filosófica] que sua natureza e seus princípios eram os mesmos porque a diferença entre suas sensações não era evidente. (HUME, 1991, p. 273-274).

Por outro lado, no que concerne às emoções denominadas violentas, que me fazem desejar o mal e a punição a alguém, quando sou vítima de uma injustiça, por exemplo, independente de qualquer consideração pelo prazer ou vantagens pessoais, é comum também atribuir a direção e o controle da vontade ao princípio racional, supondo a ineficiência do outro – da paixão. Mas não: os homens agem muitas vezes ciente e contra seu interesse, isto é, não é sempre que o maior bem possível os influencia. Segundo Hume, chama-se “força da alma” essa preeminência das paixões calmas sobre as violentas. Instaura-se o equilíbrio.

Portanto, seria por meio de comportamentos passionais que o homem manifesta sua natureza. É de sua relação com os objetos, tomando como medida a estrutura original de nossos órgãos, que advêm as sensações que chamamos de “bem”, quando agradáveis e de “mal”, quando desagradáveis.

Assim, a temperatura moderada é agradável e *boa*; a temperatura excessiva, capaz de nos fazer sofrer, é *má*. Existem outros objetos que, por sua conformidade ou sua contrariedade natural a uma paixão, suscitam uma sensação agradável ou não; eles são chamados por esta razão de *bem* ou *mal*. O castigo de um adversário, é um bem; a doença de um amigo, pois ela atinge a nossa amizade, é um mal. (HUME, 1991, p. 63, grifos do autor).

As paixões e as afecções resultam, assim, de como o que consideramos bem ou mal nos atinge. Se a probabilidade de um bem se realizar é alta ou praticamente certa, chamamos essa experiência de *alegria*, e de *tristeza* quando a mesma situação torna provável a ocorrência do mal. Se o bem for incerto, produz a *esperança* e, no caso de um mal incerto, o *medo*. Em decorrência, constata-se que o *desejo* nasce do bem e a *aversão* do mal. Nesse conjunto de situações, atua a *vontade*, intervindo cada vez que buscamos o bem e nos desembaraçamos do mal por uma ação qualquer do espírito e do corpo. Esquemmatizando: a vontade, como guardiã do que escolhemos para agir, observa se nossa decisão partiu do que entendemos como bem e prazeroso; se assim o fizemos, é porque é bom e nos agrada, pois proporciona alegria e esperança e sempre vou desejá-lo; por outro lado, se parto do que é mau e doloroso, mal me propicia, provocando sentimento de tristeza e de medo, cuja consequência será a minha aversão. Hume diria que, devido à existência de uma lógica e de um julgamento nessas atitudes, a tradição filosófica considerou como justificativa para dizer que é a razão que determina e que deve direcionar o mundo das paixões.

As reflexões humanas nos permitem concluir que a paixão é o que nos coloca em relação com o mundo, que dá a este mundo um sentido para nós. As paixões nos tornam seres sociais. Seriam elas que revelam o nosso jeito de ser na relação com os outros indivíduos, isto é, com a coletividade. Desse ponto de vista, é possível pensarmos numa moral a partir de Hume e perguntar sobre as paixões que nos mobilizam, para estabelecermos maneiras de viver na sociedade e que, de certa forma, constituem a cultura de um país, por exemplo. De resto, as paixões não seriam inimigas nem opostas à razão. São campos distintos, e a suposta oposição seria apenas um modo de falar: as paixões não impedem de maneira alguma a razão de se realizar e não podem ser aniquiladas pela razão, pois elas não têm a ver com o erro e a verdade. Se há algo de nocivo nas paixões, a elas cabe encontrar o equilíbrio entre aquelas que são úteis à sociedade. As paixões se opõem às paixões e somente entre elas se podem encontrar os contrapesos, quer dizer, somente uma paixão pode triunfar sobre uma outra paixão.

ARISTÓTELES: SEM AS PAIXÕES NÃO HÁ ÉTICA

Dois textos de Aristóteles expressam com muita propriedade o significado e a presença das paixões, na constituição do homem: *Retórica e Ética a Nicômaco*. Elas seriam como um movimento que, como um dado da natureza humana, não pode ser tratado como algo a ser extirpado ou condenado. No livro II, capítulo 5, da *Ética*, quando indaga sobre o que é a virtude, Aristóteles responde que na alma humana se encontram três espécies de coisas: paixões, faculdades e disposição de caráter.

Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; por faculdades, as coisas em virtudes das quais se diz que somos capazes de sentir tudo isso, ou seja, de nos irarmos, de magoar-nos ou compadecer-nos; por disposições de caráter, as coisas em virtudes das quais nossa posição com referência às paixões é boa ou má. Por exemplo, com referência à cólera, nossa posição é má se a sentimos de modo violento ou demasiado fraco, e boa se a sentimos moderadamente; e da mesma forma no que se relaciona com as outras paixões. (ARISTÓTELES, 1987, p. 31).

Podemos nos arriscar a dizer que as paixões seriam o ponto de partida para a formação do caráter dos indivíduos. A avaliação de nossas condutas – se louvadas ou censuradas – não é feita por sentirmos paixões, mesmo porque ninguém se encoleriza intencionalmente, o que quer dizer que não escolhemos sentir essa ou aquela paixão. Isso significa que só somos julgados e responsabilizados pelas nossas virtudes e vícios, que são formados pelo modo como usamos as paixões. “Sentimos cólera e medo sem nenhuma escolha de nossa parte, mas as virtudes são modalidades de escolha, ou envolvem escolha. Além disso, com as paixões se diz que somos movidos.” (ARISTÓTELES, 1987, p. 31).

Desdobrando melhor a proposta aristotélica, talvez caiba aqui um aprofundamento ou uma explicitação dos elementos essenciais que a compõem. Grosso modo, e pensando com base em uma pragmática, isto é, em sua funcionalidade na conduta humana, a paixão diz respeito ao que sentimos e experienciamos no nosso cotidiano. Ela é uma tendência ou uma inclinação que tem a função de nos mobilizar, tendo como resultado, frequentemente, uma ação posterior, daí o caráter de passividade que nos

atinge. Quando reagimos a uma ofensa, por exemplo, sentindo raiva, não haveria a possibilidade de fazermos uma escolha, mantendo a calma e a tranquilidade. “A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro.” (LEBRUN, 1987, p. 18).

Como característica ou dístico do ser humano, a paixão é algo pelo qual um ser perfeito, como Deus, não seria movido. Como pertencente às coisas do mundo humano, as paixões dependem do outro (o mundo fora de nós), não cabendo a nós escolher o momento para senti-las, o que não nos isenta de agirmos de maneira responsável em direção ao seu domínio, dosando-as. É desse modo que os outros nos julgam como seres ético-virtuosos, ou seja, observando como nos movimentamos com nossas paixões. Nesse sentido, e visto que o julgamento ético sempre se direcionará ao modo com que uma pessoa age diante de suas paixões, então, não há ética sem as paixões. Assim, o homem virtuoso não seria aquele que lança mão de suas paixões, nem aquele que as abranda, mas aquele que sabe dosar o quanto de paixão uma determinada conduta comporta, nas circunstâncias que se defronta.

Do ponto de vista da educação, cabe a função de ensinar o homem a dominar suas paixões e não extirpá-las ou saciá-las. E dominar nada mais é do que utilizá-las adequadamente e não aniquilá-las, como pretenderam várias correntes filosóficas. Dessa forma, é de estranhar quando queremos impor ou inculcar juízos éticos *a priori*, impossibilitando ao indivíduo fazer suas experiências passionais. Dito de outra maneira, quando queremos relacionar a ética com leis morais e jurídicas, como pretendera a ética cristã.

A regulação ética não é exercida através de uma lei judaico-cristã, mas pela opinião de um expectador prudente, que aprovará/desaprovará minha conduta e avaliará se eu soube usar convenientemente minhas paixões. Não é a uma lei que eu devo referir minha conduta, mas à opinião moderada dos outros [...]; a ética aristotélica é mais um tratado de *savoir-vivre* do que um tratado de moral. (LEBRUN, 1987, p. 21).

Também concebida como o mundo das emoções (ZINGANO, 2008, 2009), a paixão seria, então, um tipo de afecção que, quando envolvida na ação, contém um elemento cognitivo, pois, ao sentirmos

medo, antes é necessário que tenhamos uma *consideração* – examinar com cuidado, respeito e veneração – de que daquilo que está presente diante nós é capaz de causar dano à nossa vida.

CONCLUSÃO

Dessas reflexões queremos indicar que, quando se pensa numa educação moral ou ética, inclusive e, sobretudo, a partir da escola, parecemos que há um equívoco no entendimento do papel que as paixões podem cumprir. Seja no processo de formação dos professores, seja na prática pedagógica, posteriormente, é necessário repor essa questão de forma a contribuir na maneira de como lidamos com as manifestações passionais por que somos acometidos, alunos e professores, por exemplo. As ideias de Hume e de Aristóteles nos oferecem elementos suficientes e, quiçá, necessários, para o enfrentamento e a compreensão das situações, tanto dilemáticas e conflituosas, quanto as prazerosas, de harmonia e de amizade que são vivenciadas no ambiente escolar.

Talvez uma prática que podemos adotar diante disso seja a de repensar modos novos de construir nossas existências, dando a elas um caráter mais “chão”, mais realista, diante de atitudes e posturas que sempre predominaram na configuração dos projetos e ações pedagógicos. Para tanto, e em continuidade, caso optemos por esse caminho, nada mais coerente seja mergulhar nas questões colocadas por pensadores clássicos, como aqueles a que já fizemos referência, ou atuais, tais como Nietzsche e Foucault. Filósofos que pensaram e refletiram sobre o seu tempo vivido, com suas incongruências e afinidades, recolocaram o tema das paixões de maneira a retomar o que disseram Aristóteles e Hume, isto é, que as paixões são fontes para a edificação de nossos valores, do nosso caráter e de nossa moralidade. E a escola, no seu sentido mais amplo, poderia ser o lugar espaço-temporal para essa experiência.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo : Nova Cultural, 1987.
- _____. *Metafísica*. Bauru: Edipro, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DIDEROT. Pensées philosophiques. In: DIDEROT. *Œuvres*. Paris: Robert Lafont, 1994. v. 1.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HUME, David. *Les passions*. Paris: Flammarion, 1991.
- KANT, Immanuel. *Anthropologie d'un point de vue pragmatique*. Paris: Flammarion, 1993.
- LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão In: NOVAES, Adauto (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17-33.
- ZINGANO, Marco. *Aristóteles: Ethica Nicomachea I 13 – III 8: tratado da virtude moral*. São Paulo: Odysseus, 2008.
- _____. *Estudos de ética antiga*. São Paulo: Paulus: Discurso Editorial, 2009.